

QUESTÕES DE MORTE, LUTO E HERANÇA EM *VIDA NOVA*

BRASILEIRA, DE ARIANO SUASSUNA

Ester Suassuna Simões (PPGCL/UFRJ)

RESUMO

No dia 9 de outubro de 1930, o então deputado federal paraibano João Suassuna foi assassinado com um tiro nas costas. Sua morte teve direta ligação com as questões de disputas políticas e familiares que envolviam a Paraíba da Revolução de 1930. No dia de seu assassinato, foi encontrada no bolso de seu paletó uma carta de despedida, um misto de depoimento de defesa e testamento. Nela, ele recomenda que a esposa tome cuidado, caso algo aconteça a ele, para que nenhum de seus nove filhos (entre os quais Ariano, de apenas 3 anos) se envolva em tramas de vingança. Aqui está a marca profunda que traça o caminho de Ariano Suassuna, o sangue com o qual escreve sua obra. Se a vingança não pôde se fazer na perseguição dos assassinos, ela se faria com o protesto de uma arte exitosa. Tudo o que escreve é endereçado a este pai ausente. Ao Pai com letra maiúscula de seus poemas. As questões de luto, herança e endereçamento são, portanto, centrais em sua produção. Neste trabalho, objetiva-se pensá-las sobretudo em poemas que integram o livro *Vida Nova Brasileira* a partir de autores como Derrida (2004) e Barthes (2011).

Palavras-chave: Ariano Suassuna; poesia; luto.

ABSTRACT

João Suassuna, a Brazilian congressman, was murdered in Rio de Janeiro on October 9, 1930. His death had a direct connection with the political and family disputes involving the state of Paraíba during what was called the 1930 Revolution. On the day of his murder, a farewell letter, a statement of both defense and testament, was found in his jacket. In the letter, he asks his wife to be careful, should something happen to him, so that none of their nine children (including Ariano, only 3 years old at the time) get involved in revenge plots. Here is the deep scar that traces the path of Ariano Suassuna, the blood with which he writes his work. If revenge could not be done in the pursuit of his father's murderers, it would be done through the protest of a successful art. Everything he writes is addressed to this absent father. To the Father with a capital letter of his poems. The issues of mourning, inheritance, and addressing are therefore central to his production. In this article, we aim to discuss these themes mainly in poems that integrate the book *Vida Nova Brasileira* using texts from authors such as Derrida (2004) and Barthes (2011).

Keywords: Ariano Suassuna; poetry; mourning.

Em uma quinta-feira de manhã, 9 de outubro de 1930, na Rua Riachuelo, bairro da Lapa, o então deputado federal paraibano João Suassuna, pai do escritor Ariano Suassuna, foi assassinado com um tiro nas costas. Tinha 44 anos e sua viúva, Rita de Cássia, 34. Sua morte teve direta ligação com as questões de disputas políticas e familiares que envolviam a Paraíba da Revolução de 1930. Foram três assassinatos entrelaçados, de três homens que partilhavam o mesmo nome. João Dantas, que era primo da esposa de Suassuna, matou João Pessoa por questões pessoais – Pessoa havia mandado invadir a casa de Dantas, de onde tirou documentos e cartas íntimas, publicando-os no jornal e em murais da cidade – e, em seguida, foi assassinado na prisão.

O deputado federal havia ido à capital do país justamente para se defender das acusações que tentavam incriminá-lo por envolvimento na morte de Pessoa, então presidente da Paraíba. Havia tentativa de dar um cunho político ao crime de Dantas. Os opositores de Suassuna, que perseguiram e hostilizavam, inclusive, sua esposa e filhos, terminaram por ordenar sua morte. Naquela quinta-feira de outubro, foi encontrada uma carta de despedida no bolso de seu paletó, datada da véspera de sua morte. Endereçada a “Ritinha”, sua esposa, a carta é um misto de depoimento de defesa e testamento.

Nos trechos em que ele se defende das acusações, vemos o discurso que garantiu a resistência dos filhos diante das dificuldades que passaram ao crescer sendo associados ao lado vencido da disputa política, ao lado visto como “o mal”. João Suassuna fortaleceu-os com os detalhes de seu depoimento, esclarecendo como podia sua inocência. Dois de seus filhos (Betacoeli e João Suassuna Filho) escreveram livros de memórias e também na obra ficcional de Ariano há traços autobiográficos. Guardadas evidentemente as devidas proporções, pode-se dizer que há um elo comum entre essas produções: em todas, encontra-se pelo menos uma reprodução ou reescrita da carta-testamento do pai, tamanha foi a importância desse documento em suas vidas. No trecho da carta transcrito a seguir, nota-se alguns desses argumentos de defesa citados anteriormente:

(...) quero dar, mais uma vez, testemunho sereno perante o Senhor de todas as cousas, para, se eu desaparecer também e não nos virmos mais neste mundo de tristeza e dores pungentes, poder você assegurar aos

nossos adorados filhos que eu sou inocente da morte do presidente J. Pessoa, dela não tomei nem conhecimento, nem poderia mesmo desconfiar que João Dantas pudesse mais praticá-la naquele dia, uma vez que ele já me apareceu muito tarde, como lhe tenho dito, e eu supunha, pelos termos da notícia da 'União', que o Presidente, a vítima, àquela hora já estivesse regresso à Parahyba. A notícia do crime, portanto, foi para mim, transtornante surpresa, como poderá atestar Júlio Lira, primeira pessoa que me comunicou e sofre igualmente dolorosa e injusta acusação". (SUASSUNA apud SUASSUNA, 1993, p.217)

Como já foi dito, essa carta, de certa maneira, é também um testamento, no qual João Suassuna deixa orientações a serem seguidas no caso de sua morte. Ele recomenda, entre outras coisas, que sua esposa tome cuidado, caso algo aconteça a ele, para que nenhum de seus nove filhos (entre os quais Ariano, de apenas 3 anos) se envolva em tramas de vingança:

Se me tirarem a vida os parentes do Presidente J. Pessoa, saibam todos os nossos que foi clamorosa a injustiça – eu não sou responsável, de qualquer forma, pela sua morte, nem de pessoa alguma neste mundo. Não alimentem, apesar disto, ideia ou sentimento de vingança contra ninguém. Recorram para Deus, para Deus somente. Não se façam criminosos por minha causa! (SUASSUNA apud SUASSUNA, 1993, p. 217).

Aqui está a marca profunda que traça o caminho de Ariano Suassuna, o sangue com o qual escreve sua obra. Se a vingança não pôde se fazer na perseguição dos assassinos, ela se faria com o protesto de uma arte exitosa, com a construção de um castelo literário. Em seu discurso de posse da Academia Brasileira de Letras, Suassuna declarou:

Como escritor, eu sou, de certa forma, aquele mesmo menino que, perdendo o Pai assassinado no dia 9 de outubro de 1930, passou o resto da vida tentando protestar contra sua morte através do que faço e do que escrevo, oferecendo-lhe esta precária compensação e, ao mesmo tempo, buscando recuperar sua imagem através da lembrança, dos depoimentos dos outros, das palavras que o Pai deixou. (SUASSUNA, 2008a, p.237)

Tudo que escreve é endereçado a este pai ausente. Ao Pai com letra maiúscula de seus poemas. As questões de luto, herança e endereçamento são, portanto, centrais em sua produção. Neste trabalho, objetiva-se pensá-las sobretudo em poemas que integram o livro *Vida Nova Brasileira*, em que Suassuna, como Dante Alighieri em sua *Vida Nova*, intercala prosa e poesia em um texto autobiográfico. Esse é um livro que, ainda que escrito na década

de setenta, só foi publicado em 1998, em um CD intitulado “A Poesia Viva de Ariano Suassuna”. No álbum, ouve-se a voz do poeta, que lê os dezesseis sonetos e seus textos de apresentação ao som de trilha sonora assinada por Antônio Madureira.

Para Derrida (2004, p.12), a posição do herdeiro é complexa e inclui uma dupla injunção, dois movimentos de certa forma contraditórios. O primeiro é involuntário e anterior mesmo ao nascimento: recebe-se uma herança antes mesmo de saber-se. A segunda vem do caminho da aceitação e pode ser uma reafirmação feita enquanto sujeito livre. Seria o movimento de “não apenas aceitar essa herança mas relançá-la de outra maneira e mantê-la viva. Não escolhê-la (pois o que caracteriza a herança é primeiramente que não é escolhida, sendo ela que nos elege violentamente), mas escolher preservá-la viva” (DERRIDA, 2004, p. 12).

No sertão, a tomada de posição pelo herdeiro parece ser, na verdade, imposta, exigida com especial força: “Meu pai foi assassinado e o ambiente do sertão da Paraíba era um ambiente muito carregado. (...) Eu cresci ouvindo as pessoas dizerem a mim, passar a mão na minha cabeça e dizer: ‘como é, quando crescer vai vingar a morte do pai?’” (SUASSUNA, 2013). Na família de Suassuna, o ferro de marcar gado, marca que sofre modificações, as chamadas “diferenças” a cada herdeiro, permanece o mesmo há quatro gerações. Foram quatro pais que morreram precocemente, antes que seus filhos tivessem criações próprias. Ariano adotou o ferro como seu, e utiliza-o como assinatura – “Désormais et à jamais je suis moi-même ma propre mère” (BARTHES, p.46).

Uma assinatura inscrita na outra, fundidas na mesma. O ferro de marcar gado é essa assinatura dupla, a marca da permanência. Suassuna olhava no espelho e queria ver o pai. Buscava estar próximo de uma imagem, que, em verdade, ele mesmo ia criando a partir de narrativas familiares e de objetos que o pai deixou. Em documentário produzido pela TV Senado sobre a guerra de princesa, Suassuna (2010) disse: “eu tenho para mim que transformar aquelas coisas ferozes, duras, terríveis em assunto de beleza é uma maneira de neutralizar o sofrimento”. Então com 83 anos, hesitou diante de um pedido para declamar o poema em que fala sobre a morte do pai¹. Diante da insistência dos entrevistadores, diz o

¹ Soneto transcrito em seguida neste trabalho sob o título “O REINO – A Morte”.

soneto, mas não sem pausas de emoção.

Ao prolongar o luto do pai até o momento de sua própria morte, Suassuna lamentava aquele homem que ele mesmo poderia ter sido, caso tivesse tido a oportunidade de conviver com seu cavaleiro encantado. Com a morte de um ente querido, aquele “eu” que ama e que é amado, vai embora também. Se a morte do pai ou da mãe acontece antes que tenhamos consciência de quem somos, o luto é por uma parte de nós ainda em potencial. Há de se procurar a resposta, talvez, na própria veia. Há de se buscar o sangue, sua origem e sua permanência.

Como os que o precederam, Suassuna escolhe, portanto, reafirmar sua herança e reivindicar da lembrança paterna tudo aquilo que consegue decifrar. Aquelas “palavras que o pai deixou”, do discurso na ABL, estão, por exemplo, na carta-testamento, que Ariano usa de guia, fazendo ouvir as afirmações de inocência do pai, buscando o caminho cristão da vida. Recolhe as histórias de familiares que atestam o caráter e a personalidade dele e, de certa maneira, transforma-o em seu exemplo. Da biblioteca do pai, dessas muitas palavras que ele também assim deixou, leva as maiores influências literárias declaradas: Euclides da Cunha, Cervantes... Aqui também afirma-se como herdeiro: de uma tradição literária, e mesmo de escolhas políticas.

A decisão de afirmar a herança, de tentar “preservá-la viva” após tê-la recebido de maneira involuntária, envolve, para Derrida (2004, p. 13), outras ações posteriores e necessárias:

Seria preciso portanto partir dessa contradição formal e aparente entre a passividade da recepção e a decisão de dizer “sim”, depois selecionar, filtrar, interpretar, portanto transformar, não deixar *salvo* aquilo mesmo que se diz respeitar antes de tudo. E depois de tudo. Não deixar a salvo: salvar, talvez, ainda, por algum tempo, mas sem ilusão quanto a uma salvação final.”

Esses são exatamente os movimentos feitos por Suassuna em sua arte. Este é o pacto que firma com sua herança. Sabe que é inútil tentar guardá-la intacta, mas caminha no inconcebível para honrá-la e apontá-la para o futuro². Sua poesia registra isso com primor,

² No Folheto XLIV do *Romance d'A Pedra do Reino*, Quaderna desperta com a visão da Onça Caetana, a morte, que risca as palavras sagradas, orientações que, ainda que de maneira enigmática, parecem confirmar o que Derrida coloca como as questões do herdeiro: “A Sentença já foi proferida. Saia de casa e cruze o

por exemplo, no livro que aqui nos interessa. Assim começa sua *Vida Nova Brasileira*: “E um dia, como acontece a todos, comecei a refletir sobre o exílio em que nos encontramos sobre este ápero e belo Mundo” (SUASSUNA, 1999, p.165).

Uma das consequências da ruptura traumática a que Suassuna foi submetido na infância a partir do assassinato de seu pai é a sua condenação a um profundo e permanente sentimento de exílio, faceta cruel de sua visão trágica do mundo.

É como se aquele exílio inicial pelo qual passamos por não sermos ainda capazes de nos comunicarmos, se estendesse por toda a sua vida. Na perda do pai, some também a possibilidade de reconhecer-se como pertencente a qualquer lugar:

A morte do pai é a quebra da ordem no mundo do poeta, o grave acontecimento que propicia sua passagem da felicidade para a desdita, de um mundo generoso para um mundo cruel, de um pasto verde para um pasto incendiado. Toda a visão de exílio, presente na poesia de Suassuna, também se origina aqui. E o sentimento do exílio nada mais é do que uma expressão da visão trágica do mundo. (NEWTON JÚNIOR, 1999, p. 189).

O próprio Suassuna (2008b, p. 233), em texto sobre o natal, tenta explicar esse sentimento: “o mal vem de longe, talvez pelo fato de viver, desde que nasci, exilado, impelido, por uma sentença estranha, a não ter pouso certo em lugar nenhum que eu sinta como finalmente meu”. É apenas no reino construído na literatura que esse sentimento pode começar a ser combatido. “Mon chagrin est inexprimable, mais tout de même dicible” (BARTHES, 2011, p. 187).

No soneto em que trata diretamente da morte do pai, o quarto da sequência em *Vida Nova Brasileira*, vemos essa passagem da “felicidade para a desdita” bem marcada a partir do primeiro terceto:

Tabuleiro pedregoso. Só lhe pertence o que por você for decifrado. (...) Salve o que vai perecer: o Efêmero sagrado, as energias desperdiçadas, a luta sem grandeza, o Heróico assassinado em segredo, o que foi marcado de estrelas - tudo aquilo que, depois de salvo e assinalado, será para sempre e exclusivamente seu. (...) Entre o Sol e os cardos, entre a pedra e a Estrela, você caminha no Inconcebível. Por isso, mesmo sem decifrá-lo, tem que cantar o enigma da Fronteira, a estranha região onde o sangue se queima aos olhos de fogo da Onça-Malhada do Divino. Faça isso, sob pena de morte! Mas sabendo, desde já, que é inútil. (...) O Estigma permanece. O silêncio queima o veneno das Serpentes, e, no Campo de sono ensangüentado, arde em brasa o Sonho perdido, tentando em vão reedificar seus Dias, para sempre destróçados" (SUASSUNA, 2010, p.306) Em entrevistas, Ariano dizia que neste texto está a origem d'*A Pedra do Reino* e a verdade do que busca com sua arte.

A MORTE – O Reino

Aqui, morava um Rei, quando eu menino:
Vestia ouro e Castanho no gibão.
Pedra da sorte sobre meu Destino,
pulsava, junto ao meu, seu Coração.

Para mim, o seu Cantar era divino,
quando ao som da Viola e do bordão,
cantava, com voz rouca, o Desatino,
o Sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu pai. Desde esse dia
eu me vi como Cego, sem meu Guia,
que se foi para o Sol, transfigurado.

Sua efígie me queima. Eu sou a presa.
ele, a Brasa que impele ao Fogo, acesa,
Espada de ouro em Pasto ensanguentado.

(SUASSUNA, 1999. p. 169-170.)

O assassinato do pai divide o poema e a vida em dois: antes música, reino, corações unidos; agora cegueira, brasa, pasto ensanguentado. De certa maneira, a relação com essa figura paterna cultuada é conflituosa, pois, se ele domina os pensamentos do poeta, sua presença é dolorosa pelas lembranças traumáticas que representa. Ao final, quando montado o retrato do Rei, é desse retrato que passa a vir a dor e a sensação de perseguição e aprisionamento do poeta: “Sua Efégie me queima. Eu sou a presa, / Ele, a brasa que impele ao Fogo, acesa, / Espada de ouro em Pasto ensanguentado”.

Essa sensação por vezes opressora associada à imagem do pai é interessante. Ela pode limitar-se simplesmente à lembrança dolorosa, mas pode também estar ligada a uma exigência moral, sentida pelo herdeiro: essa efígie é um tanto tirana e irresistível, ela obriga – pela força do exemplo? – a uma busca pelo Fogo, que pode representar, além da consumição e do sofrimento, uma cobrança de ascensão espiritual e uma exigência de conduta ética.

A honra familiar e pessoal é peso grande nessa relação pai/filho. Exemplo disso é um retrato de João Suassuna herdado por Ariano que apresenta, além da figura do pai, a expressão latina *potius mori quam foedari* (antes morrer do que manchar-se).

Figura 1 - Retrato de João Suassuna pintado por Baltazar da Câmara em 1925.



Fonte: Acervo pessoal de Suassuna.

“A Morte do Touro Mão de Pau”, poema de Ariano escrito na década de 1940, possui uma dedicatória que também faz referência a essa expressão latina: “À memória de meu Pai, que também preferiu a morte à desonra, tendo sido assassinado a 9 de outubro de 1930” (SUASSUNA, 1999, p. 40). No poema, o touro perseguido, injustamente encurralado, atira-se de um rochedo para escapar à humilhação. Ao lançar-se, profere um último “bramir de morte encrespado”:

- “Adeus, Lagoa dos Velhos!
Adeus, vazante do gado!
Adeus, Serra Joana Gomes
e Cacimba do Salgado!
Assim vai-se o Touro manco,
morto mas não desonrado”! (SUASSUNA, 1999, p. 43).

Seligmann-Silva (2006) chama a atenção para o imediato conflito, no momento do testemunho, entre a necessidade de narrar a experiência e a percepção da insuficiência da linguagem diante da dura realidade vivida. O autor afirma que a intraduzibilidade que a experiência traumática parece representar só pode ser desafiada com a arte. É justamente assim que a poesia de Suassuna parece se construir: como desafio a essa intraduzibilidade, como resistência e demonstração da força (divina) da criação.

“A evidência da morte, juntamente com a ânsia nunca aplacada pelo Absoluto, despertam no homem uma consciência trágica.” (NEWTON JÚNIOR, 1999, p. 159). No

poema seguinte, “A VIDA – A Estrada”, a visão trágica do mundo se perpetua, com versos em que a solidão e o sentimento de abandono dominam, como no terceto a seguir (entre esses versos, está um mote de Augusto dos Anjos):

Sopra o vento – o Sertão incendiário!
Andam monstros sombrios pela Estrada
e, pela Estrada, entre esses Monstros, ando!
(SUASSUNA, 1999, p.192)

O luto do pai é associado a um estado de desorientação e cegueira. Na sequência narrativa que se cria nesta autobiografia poética, o caos da infância somente começa a poder ser revisto a partir de um encontro transformador com a figura de uma mulher. É aí que o filho, o órfão, pode começar a ver-se como homem, e perceber até mesmo a morte de maneira diferente:

A vida assim me aparecia: estranha e perigosa; uma estrada diante da qual meu sangue se crispara de uma vez para sempre, tornando-me tenso e cerrado ante os enigmas e as ciladas do Mundo. Foi aí que, por sorte minha, surgiu diante de mim - como uma benção que me tivesse sido enviada do Sol, como uma compensação à minha infância sangrenta e atormentada - a figura da Mulher, aquela que passaria a ser o resumo ancestral e sagrado da vida. Foi uma espécie de revelação. (SUASSUNA, 1999, p. 171)

É marcante o contraste entre a imagem de fragilidade diante do terrível, do caótico, presente em “A VIDA – A Estrada” e o empoderamento que o canto à mulher proporciona ao poeta em “A Mulher e o Reino”. Nos dois tercetos do soneto, tendo encontrado a segurança naquela que representa como Chão e Anel, o poeta se fortalece e pode começar a combater e negar a finitude da vida, antes tão devastadora e traumática:

A Mulher e o Reino
Com tema do Barroco Brasileiro

Ó Romá do pomar, relva, esmeralda,
olhos de Ouro e de azul - minha Alazá!
Ária em corda do sol, fruto de prata,
meu Chão e meu Anel, céu da Manhã!

Ó meu sono, meu sangue, dom, coragem,
água das pedras, rosa e beldever!

Meu candieiro aceso da Miragem,
meu mito e meu poder - minha Mulher!

Dize-se que tudo passa e o Tempo duro
tudo esfarela: o Sangue há de morrer!
Mas quando a luz me diz que esse Ouro puro

se acaba por finar e corromper,
meu Sangue ferve contra a vã Razão

e pulsa seu Amor na escuridão!
(SUASSUNA, 1999, p. 172)

A morte, que era a do pai, passa a ser, portanto, a possibilidade do próprio fim, e da angústia do trauma passado, passa-se a ansiedade de futuro que ela representa – “Pour la première foi depuis deux jours, idée acceptable de ma propre mort” (BARTHES, p. 22). E a angústia não é necessariamente menor por ser esse um destino há muito anunciado, já que “o fato de o homem ter consciência de sua finitude não implica dizer que esta finitude seja aceita pacificamente. Ao contrário, a vida parece transformar-se na busca constante da imortalidade, alimentada escandalosamente pela desordem” (NOGUEIRA, 2002, p. 69). O fim do amor é uma previsão a ser combatida.

Nesse soneto, há três ocorrências da palavra “sangue”. Nogueira (2002, p. 56) aponta três vertentes para a temática do sangue na obra de Suassuna: “a da violência propriamente dita, a da verdade ou essência e a da consanguinidade. Por sua vez, a essas vertentes subjaz a simbologia primordial na qual **sangue é vida**, como se diz biblicamente, e a fusão entre água e fogo”. Essa “simbologia primordial” apontada pela autora é essencial para a compreensão deste símbolo. Mais do que a morte e a violência do fim, o sangue é a vida e a essência do poeta.

Nas duas primeiras ocorrências em “A Mulher e o Reino”, ela parece representar a essência do poeta, sua própria vida. Assim, ele pode afirmar que, entre outras coisas, a mulher amada é “meu Sono, meu sangue, Dom, coragem” e que os anúncios de término da vida terrena e do amor dizem: “o Sangue há de morrer!”. A terceira ocorrência, no entanto, nos parece um pouco diferente das outras duas. Há, no último terceto do soneto, uma reação contra os anúncios sombrios de finitude e o sangue torna-se o agente da ação: “meu Sangue ferve contra a vã Razão / e há de pulsar o Amor na escuridão”. Ainda que haja alguma identificação com a essência do poeta, aqui o sangue parece ter um certo poder de decisão, como que realizando a associação entre *sangue* e *mente* sugerida por Carvalho (2011).

Há, neste ponto do percurso, a partir do encontro com o feminino, o início de uma transfiguração: a morte, antes trauma, começa a assumir outro papel na vivência de quem escreve. Nas palavras de Suassuna:

A maciez da Morte: essa divindade já não me aparecia mais como algo de irrecusável, inaceitável e desesperador. Eu começava a sentir uma identificação entre o Amor e a Morte, entre a Vida e o Obscuro, entre o Mundo e o Terrível, porque estava talvez descobrindo aos poucos que, como tinham sonhado os visionários antigos, “a Morte é o toque de um deus no homem”. (SUASSUNA, 1999, p. 178-179)

Nessa mudança de perspectiva, o toque de um deus permite encarar a morte não só como algo natural, mas também como um evento que pode resultar, a partir de uma intervenção divina, de uma aproximação, por exemplo, entre a vida e o obscuro. A ideia estritamente negativa de morte dá lugar a uma noção mais complexa e menos polarizada desse evento, de forma que ele é associado a conceitos antes improváveis: amor, vida e Deus.

A aproximação de extremos opostos e a preocupação com a efemeridade da vida lembra-nos o Barroco do tema anunciado para o soneto “A Mulher e o Reino”. Desses contrastes, surge uma espécie de síntese: o amor como forma de acesso ao sagrado e, portanto, como arma de desafio contra a morte, revela-se como mecanismo de fortalecimento poderoso a partir deste soneto.

É o encontro com a mulher que garante que o soneto “Lápide”, o penúltimo do conjunto, traga uma mensagem de permanência – o sangue não morre e garante, pelo viés da herança, sua continuidade. Dessa vez, não é mais Ariano o herdeiro. Ele agora é o pai, é ele quem deixa orientações e responsabilidades aos seus. Cabe agora à próxima geração a tomada de decisão no lugar de herdeiros:

LÁPIDE

Com tema de Virgílio, o Latino, e de Lino Pedra-Azul, o Sertanejo

Quando eu morrer, não soltem meu Cavalo
nas pedras do meu Pasto incendiado:
fustiguem-lhe seu Dorso alanceado,
com a Espora de ouro, até matá-lo.

Um dos meus filhos deve cavalgá-lo
numa Sela de couro esverdeado,
que arraste pelo Chão pedroso e pardo
chapas de Cobre, sinos e badalos.

Assim, com o Raio e o cobre percutido,
tropel de cascos, sangue do Castanho,
talvez se finja o som de Ouro fundido

que, em vão -Sangue insensato e vagabundo-
tentei forjar, no meu Cantar estranho,
à tez da minha Fera e ao Sol do Mundo!

(SUASSUNA, 1999, p. 182)

Nesse soneto, percebe-se que o enfrentamento derradeiro com a morte aponta dois caminhos para a sonhada imortalidade: o da permanência pelo dom artístico, pelo seu cantar; e o da herança: são os filhos do poeta que, junto com o seu canto, representarão o triunfo final de sua voz contra Caetana.

Trata-se de um poema com fortes ressonâncias míticas, porque “Suassuna justapõe seu corpo ao do cavalo, criando esta simbiose mitológica entre homem e animal que se encontra bem expressa pelos seus predecessores nordestinos com a imagem do centauro” (SANTIAGO, 2011, p.116). E a fera a qual se refere é, ao mesmo tempo, morte e vida, sertão e mundo. Como uma erupção vulcânica, num arrebatamento lírico desmedido, brotam de sua obra as imagens da terra, devaneio extremo de quem permanece fincado no sertão. (NOGUEIRA, 2002, p.42).

A superação da morte é total pela compreensão de que a arte é um recurso de acesso à imortalidade. Aquela morte traumática e devastadora do início do livro, aquela que cega e desorienta, não mais tem espaço. O sangue do poeta resistiu a todas as forças opositoras, seguindo o chamado de Caetana. No soneto final, “A MORTE – O Sol do Terrível”, o poeta promete enfrentar a morte com coragem, na certeza do reencontro com o divino:

A MORTE – O Sol do Terrível
Com Tema de Renato Carneiro Campos

Mas eu enfrentarei o Sol divino,
o Olhar sagrado em que a Pantera arde.
Saberei porque a teia do Destino
não houve quem cortasse ou desatasse.

Não serei orgulhoso nem covarde,
que o sangue se rebela ao toque e ao Sino.
Verei feita em topázio a luz da Tarde,
pedra do Sono, cetro do Assassino.

Ela virá, Mulher, afluindo as asas,
com os dentes de cristal, feitos de brasas,
e há de sagrar-me a vista o Gavião.

Mas sei, também, que só assim verei
a coroa da Chama, e Deus, meu Rei,
assentado em seu trono do Sertão.

(SUASSUNA, 1999, p.183)

No soneto que termina o livro, os verbos são conjugados no futuro e a morte de que se fala é a do próprio poeta. E ele agora entende que a santa sabedoria só poderá ser acessada completamente no momento em que findar a vida terrena. Não há mais cegueira, nem caos: o poeta sabe o que o aguarda e anseia pelo momento em que, fortalecido, iluminado por esse sol divino e pelo toque da romã, poderá avistar Deus e cumprir sua passagem. Em *Vida Nova Brasileira*, o tema da morte, que começa como o trauma que condena o poeta a uma vivência trágica do mundo, transforma-se, ao final, em encontro

terrível e maravilhoso com o sagrado, a busca maior do caminho humano. Essa reconstrução – da marca traumática no passado ao encontro futuro, é contínua.

O estado de luto persiste e o pai segue sendo o grande homenageado e destinatário desta obra. O desespero e a confusão, no entanto, são de certa forma diluídos pela chegada da mulher, figura que permite a construção, ao longo do percurso feito pelos sonetos, da figura de um novo Rei, Deus, que finalmente receberá o poeta assentado em seu trono do Sertão.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Diário de luto**: 26 de outubro 1977 – 15 de setembro de 1979. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CARVALHO, Solange Pinheiro de. **As muitas faces de uma pedra**: o universo lexical de Ariano Suassuna. 2011. 255f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã...Diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- NEWTON JÚNIOR, Carlos. **O Pai, o Exílio e o Reino**: A Poesia Armorial de Ariano Suassuna. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/Editora Universitária, 1999.
- NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **O cabreiro tresmalhado**: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. Situação de Ariano Suassuna. In.: SUASSUNA, Ariano. **Seleto em prosa e verso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora Unicamp, 2006.
- SUASSUNA, Ariano. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. In: _____. **Almanaque Armorial**. Recife: Editora José Olympio, 2008a. p. 281-290.
- _____. Entrevista: Ariano Suassuna. [2013]. Recife: **Programa Imprensado**. Entrevista concedida a Adriana Bezerra, Wanja Nóbrega e Wellington Farias.
- _____. Natal Selvagem. In: _____. **Almanaque Armorial**. Recife: Editora José Olympio, 2008b. p. 223-224.
- _____. **Poemas**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/Editora Universitária, 1999.
- _____. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- SUASSUNA, Raimundo. **Uma estirpe sertaneja**: genealogia da família Suassuna. João Pessoa: A União, 1993.